



GT 015. Antropologia das Mobilidades Contemporâneas

André Dumans Guedes (GSO/UFF) -
 Coordenador/a, Candice Vidal e Souza (PUC Minas) -
 Coordenador/a, Luzimar Paulo Pereira
 (Universidade Federal de Juiz de Fora) -
 Debatedor/a

Este grupo de trabalho pretende abrigar pesquisas que tenham as mobilidades como objeto etnográfico. Buscamos dialogar com trabalhos que abordem as formas e significados de experiências, práticas e representações diversas sobre o deslocamento, em diferentes contextos socioespaciais e temporais. Para tal fim, sugerimos que os trabalhos tratem de uma ou mais das seguintes questões: 1) as formas de mobilidade ou deslocamento cotidiano, seus arranjos espaço-temporais característicos e sua relação com formas de organização de coletivos, identidades e institucionalidades; 2) as diferenças nos deslocamentos (ou nas imobilidades) pensadas em suas relações com as capacidades diferenciais dos sujeitos de se mover e ter acesso ao mundo, em razão de situações de classe, gênero, localização, etnia, idade ou valores religiosos e morais; 3) as propostas e reflexões metodológicas para o estudo de sujeitos em movimento. As mobilidades em questão podem situar-se no interior de áreas urbanas, rurais ou naturais; ou entre tais espaços. Nesse sentido, buscaremos orientar nossa discussão coletiva pelo diálogo com aquelas reflexões pioneiras sobre o tema surgidas dos estudos sobre o campesinato brasileiro. O que há de particularmente inspirador nestes estudos, balizando aqui nossa discussão, é a estratégia de analisar as múltiplas formas e modalidades de movimento conjuntamente com a diversidade de vocabulários, linguagens e formas narrativas de que se servem aqueles em deslocamento.

De carona pela cidade: mobilidade e diferença

Autoria: Yuri Rosa Neves

A cidade de Florianópolis tem uma distribuição espacial atípica para uma capital estadual do país. Regiões de ritmos mais rurais e de atividades tradicionais se misturam com ocupações urbanas na extensão do território ilhéu, dando origem a um traçado viário em forma de "espinha de peixe" (Reis, 2012) e um contexto de trocas e relações marcados por uma convivência do cosmopolita com o provinciano (Fantin, 1999). A partir dos resultados da pesquisa de mestrado sobre a prática de caronas espontâneas no cotidiano desta cidade, buscarei pensar a partir da mobilidade esta condição espacial específica de Florianópolis. Observando a infraestrutura viária se pode mergulhar na forma como a ocupação populacional e o governo da cidade (Foucault, 2012; Scott 1998) foi atuante nesta urbanização, criando um mapa de diversas ilhas de concreto conectadas por poucas vias e cumprindo, assim, certo pré-requisito para a existência da carona pela restrição dos fluxos em poucos caminhos. Esta forma de deslocamento na cidade, ao mesmo tempo que remete ao passado de relações de reconhecimento comunitário e parental típicas de localidades no interior (Rial, 1988, p. 48), por sua continuidade até os dias de hoje, também está entrelaçada com processos contemporâneos, como a vertiginosa migração das últimas quatro décadas, o turismo como expoente econômico, as universidades e, mais recentemente, a colocação de Florianópolis como polo de desenvolvimento tecnológico. Opera-se uma transformação no espaço que coloca novos significados para a (re)existência da carona. Neste cenário, a carona é uma prática cotidiana que é privilegiada por fazer emergir desconhecidos e ritmos temporais que caracterizam o processo de desenvolvimento da cidade, na medida que pressupõe um vínculo espontâneo e fugaz entre pessoas normalmente desconhecidas que, em alguma medida, se tornam alguém com nome, opinião e origem para a outra. Algo diferente nas mobilidades individual e coletiva mais hegemônicas. Enquanto uma prática estocástica (Laviolette, 2012) marcada por certa aleatoriedade e acaso, são diversos os encontros que o pesquisador se deslocando de carona é convidado, do empolgado e aberto turista recém chegado à cidade, ao nativo da Ilha já resistente à própria prática pelas transformações que



vivenciou, afinal, a cidade de sua perspectiva não é mais a mesma. Estes encontros explicitam o papel de diferentes atores na continuidade desta forma de deslocamento. Tendo em vista esta articulação entre o espaço da cidade e as dinâmicas específicas desta prática de deslocamento, coloca-se como questão a ser perseguida: como a carona toma parte nas mobilidades da cidade exibindo as condições e os limites para a convivência de diferentes imaginários, identidades narrativas e formas de viver a cidade?



Realização:



Apoio:



Organização:

